JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE OUTUBRO
Ed. 78. Vol. 3 - Págs. 274 – 285
DOI: 10.5281/zenodo.24160419



CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

QUALIS A2



CIRCULAR, VENDER E RESISTIR: TERRITORIALIDADES, GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NO COMÉRCIO AMBULANTE NOTURNO EM ARAGUAÍNA TOCANTINS[1]

CIRCULATE, SELL AND RESIST: TERRITORIALITIES, GENDER AND POWER RELATIONS IN NIGHTTIME STREET VENDING IN ARAGUAÍNA, TOCANTINS

Iago Silva DIAS[2]
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Centro Educacional CERRATO
E-mail: iago.cerratotecnico@gmail.com
ORCID: http://orcid.org/0009-0001-3456-0394

RESUMO

O artigo analisa práticas de trabalho, territorialidades e relações de poder vivenciadas por vendedoras ambulantes em espaços noturnos de Araguaína, Tocantins, articulando gênero, raça, informalidade e resistência cotidiana. Objetiva compreender como as trabalhadoras constroem percursos comerciais, negociam o acesso a estabelecimentos e respondem a situações de reconhecimento desigual. Adota-se abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, com observação participante moderada e entrevistas semiestruturadas, conforme registros do manuscrito original. O trabalho de observação ocorreu entre junho e agosto de 2024, em três áreas urbanas, com visitas em finais de semana, predominantemente das 19h às 22h. O material apresenta quatro entrevistas ou núcleos de entrevista, envolvendo quatro mulheres e um homem, integrante de um dos núcleos. A análise interpretativa foi organizada em categorias relacionadas às trajetórias de ingresso, estratégias de venda, uso do espaço, assédio, estigmas, redes de apoio e relações institucionais. Os registros apontam adaptações de horários e produtos aos fluxos de consumidores, negociações de acesso a espaços privados, vivências de abordagens constrangedoras e formas individuais e coletivas de sustento. Conclui-se que a presença comercial dessas mulheres não assegura reconhecimento social equivalente; a atividade combina autonomia relativa, trabalho reprodutivo, vulnerabilidade e agência,

[1] Artigo vinculado à Dissertação de Mestrado acadêmico, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT, 2025).

[2] COMO CITAR: (ABNT): DIAS, I. S. Circular, Vender e Resistir: Territorialidades, Gênero e Relações de Poder no Comércio Ambulante Noturno em Araguaína Tocantins. **JNT Facit Business and Technology Journal.** Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Outubro de 2026 - Ed. 78. VOL. 03. Págs. 274-285. Disponível: http://revistas.faculdadefacit.edu.br. Acesso em: ___/___/___.

demandando políticas urbanas sensíveis à diversidade de trajetórias. Os achados têm alcance contextual e não são generalizáveis estatisticamente.

Palavras-chave: Comércio ambulante. Mulheres trabalhadoras. Territorialidade. Interseccionalidade. Observação participante.

ABSTRACT

This article examines work practices, territorialities and power relations experienced by women street vendors in Araguaína, Tocantins, Brazil, with attention to gender, race, informality and everyday resistance. It investigates commercial routes, negotiations over access to establishments and responses to uneven social recognition. The qualitative study draws on moderate participant observation and semi-structured interviews reported in the original field manuscript. Observations were conducted from June to August 2024 in three urban areas, mainly on weekend evenings between 7 p.m. and 10 p.m. The material describes four interview sessions or interview clusters involving four women and one man, who participated alongside his partner. Thematic interpretation addresses occupational trajectories, selling strategies, spatial appropriation, harassment, stigma, support networks and interactions with authorities. The field accounts illustrate adjustments to customer flows, contested access to private venues, uncomfortable encounters and individual or collective livelihood practices. The article argues that commercial visibility does not necessarily entail equal civic recognition. Street vending combines relative autonomy with care responsibilities, precarity and agency. Findings are context-specific and do not support statistical generalization.

Keywords: Street vending. Working women. Territoriality. Intersectionality. Participant observation.

INTRODUÇÃO

O comércio ambulante integra os circuitos cotidianos da economia urbana e constitui, para numerosas famílias, uma possibilidade de obtenção de renda fora dos vínculos típicos do assalariamento formal. A mobilidade dos vendedores, suas formas de abordagem e a negociação de permanência nos locais de consumo tornam visíveis disputas pela apropriação material e simbólica da cidade. Essas relações assumem contornos próprios quando a atividade é desempenhada por mulheres, cuja inserção

produtiva pode coexistir com responsabilidades de cuidado, desigualdade de renda e exposição a práticas de desvalorização.

O manuscrito que fundamenta este artigo situa a investigação em Araguaína, polo comercial do norte tocantinense, e se concentra sobretudo em circuitos noturnos de bares, restaurantes, praças e vias de maior circulação. O interesse analítico ultrapassa o volume de vendas: abrange a leitura dos espaços pelas trabalhadoras, os códigos empregados nas abordagens, os locais percorridos ou evitados e as reações de consumidores e responsáveis por estabelecimentos.

Pergunta-se: de que maneira mulheres que exercem o comércio ambulante noturno em Araguaína constroem territorialidades e estratégias de resistência diante de relações assimétricas de gênero e de poder nos espaços urbanos? O objetivo geral é analisar práticas cotidianas e experiências narradas por essas trabalhadoras à luz das categorias de território, informalidade, gênero, raça e reconhecimento. Especificamente, busca-se caracterizar o desenho da investigação; discutir suas bases teóricas; examinar estratégias de venda e circulação; interpretar experiências de assédio, estigma e cooperação; e identificar implicações para políticas públicas.

A relevância social decorre da necessidade de reconhecer as ambulantes como trabalhadoras produtoras de renda e conhecimento situado, sem romantizar a precariedade. Do ponto de vista científico, propõe-se articular observação empírica e interpretação interdisciplinar em um recorte urbano específico, preservando os limites de um corpus qualitativo pequeno e intencional.

METODOLOGIA[3]

Realizou-se pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, fundamentada no material empírico descrito no manuscrito “Observação participante das vendedoras ambulantes na cidade de Araguaína Tocantins: um estudo empírico”. O procedimento central foi a observação participante em nível moderado, associada a entrevistas semiestruturadas. Em Spradley (1980), a moderação implica combinar observação sistemática e interação limitada com interlocutores, sem assumir integralmente o papel profissional do grupo estudado. Assim, o pesquisador frequentou espaços comerciais como consumidor ou observador, registrando abordagens, circulação, produtos e reações do público.

Foram realizadas três visitas mensais entre junho, julho e agosto de 2024, alternando sextas-feiras, sábados e domingos. O recorte compreendeu Setor

[3] Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Parecer: Aprovado.

Noroeste, Vila Aliança e Setor Anhanguera, com atenção também a estabelecimentos e vias descritos nas notas de campo. As permanências foram de aproximadamente três horas, predominantemente entre 19h e 22h. Os registros observacionais foram articulados a narrativas sobre trajetória profissional, renda familiar, mobilidade, insegurança, assédio, apoio familiar e expectativas futuras.

O manuscrito declara quatro entrevistas e apresenta quatro unidades narrativas: L.S.L., Y.C.C., o casal M.V.F.C. e O.L.M., e M.J.P.S. Considerando que uma dessas unidades reúne duas pessoas, o corpus narrativo inclui quatro mulheres e um homem, embora o documento utilize em pontos distintos a expressão “quatro entrevistas”. Em lugar de criar entrevistas adicionais, este artigo preserva essa distinção. As iniciais são mantidas tal como figuram nas seções narrativas; o quadro de perfil no manuscrito apresenta uma divergência nas iniciais de uma participante, aspecto que demanda conferência pelo autor antes da submissão.

Os achados foram ordenados em eixos interpretativos presentes no texto-base: ingresso no trabalho informal, estratégias de venda, territorialidade, relações de gênero e assédio, estigmas sociais, redes de apoio, regulamentação e aspirações. Trata-se de análise interpretativa de registros e depoimentos já transcritos no manuscrito, não de nova coleta. Não foram produzidos cálculos inferenciais, nem se presumiu representatividade da população de ambulantes da cidade. É necessário que o autor acrescente, na versão de submissão, informações documentadas sobre consentimento e eventual apreciação ética, quando aplicável, pois o arquivo examinado não permite comprová-las de modo suficiente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trabalho Informal, Precarização e Estratégias de Subsistência

A informalidade não pode ser reduzida à ausência de carteira assinada: compreende formas heterogêneas de organização produtiva, relações com mercados formais, estratégias familiares e distintos graus de proteção social. Pamplona (2013) demonstra que o comércio ambulante é um campo particular de inserção ocupacional, no qual o trabalho por conta própria, a escolha de mercadorias e a circulação integram uma lógica econômica de sobrevivência e adaptação. Tavares (2006), por sua vez, problematiza a informalidade como dimensão articulada à dinâmica de produção e precarização capitalista, advertindo contra leituras que tratam os trabalhadores informais como externos à economia.

Em situações nas quais o rendimento depende da venda direta e da presença constante nos locais de circulação, as jornadas tornam-se sensíveis a clima, horários de pico, concorrência e receptividade do público. A pretensa flexibilidade é ambivalente: pode permitir conciliar demandas familiares e, simultaneamente, transferir riscos financeiros e físicos ao trabalhador. Essa ambivalência ajuda a interpretar as narrativas de mulheres que alternam trabalho doméstico, produção artesanal e comercialização noturna.

Território, Práticas Cotidianas e Relações de Poder

Para Raffestin (1993), o território é produzido por relações sociais que investem o espaço de trabalho, informação, controle e poder. Assim, circular entre mesas, selecionar estabelecimentos e ajustar itinerários não são apenas decisões comerciais; são práticas de produção e negociação territorial. A distribuição desigual do acesso a pontos de venda evidencia que o urbano é atravessado por limites normativos, econômicos e simbólicos.

Os estudos de Reginensi (2018) sobre comércio informal ressaltam a existência de fronteiras flexíveis e jogos entre atores no uso de espaços metropolitanos. Bouças (2015) oferece outra aproximação ao problema da apropriação dos espaços públicos na experiência do trabalho de rua. Em conjunto, essas formulações permitem examinar decisões situadas das ambulantes sem transformar toda recusa de venda em prova automática de discriminação: é preciso distinguir regras de gestão, restrições concretas e possíveis práticas discriminatórias a partir das circunstâncias documentadas.

Gênero, Raça e Desigualdade Interseccional

A análise das experiências das ambulantes exige compreender que gênero não constitui atributo isolado, mas relação social estruturante das oportunidades e formas de reconhecimento. Scott (1999) propõe gênero como categoria de análise das relações históricas de poder. Davis (2016) contribui para interpretar o entrelaçamento de trabalho, raça e classe, demonstrando a insuficiência de explicações que generalizam a experiência feminina a partir de um único perfil social.

No Brasil, Gonzalez (2020) evidencia como racismo e sexismo se reforçam na distribuição desigual de ocupações e na representação de mulheres negras, enquanto Carneiro (2011; 2023) interpreta processos persistentes de subordinação, deslegitimação e racialização dos sujeitos. Essas abordagens iluminam o potencial impacto de comentários sexualizados, suspeição e tratamento desigual sobre a

atuação profissional das vendedoras. Contudo, interpretar uma interação individual como expressão necessária de racismo exige cuidado: o registro de campo deve oferecer elementos suficientes para sustentar cada inferência.

As reflexões de Guiginski e Wajnman (2019) acerca da penalidade associada à maternidade ajudam a compreender as dificuldades de conciliar inserção ocupacional e cuidado familiar. A leitura interseccional, portanto, não implica afirmar trajetórias iguais; permite observar como responsabilidades familiares, renda, raça, idade e redes de apoio produzem possibilidades distintas de circulação e autonomia.

Cultura do Comércio Ambulante, Reconhecimento e Identidade

Hall (2006; 2016) compreende identidades e representações como produções históricas e relacionais, constantemente negociadas nas interações e nos repertórios culturais disponíveis. No trabalho ambulante, modos de oferecer mercadorias, entonação, linguagem, apresentação dos produtos e circulação podem constituir saberes práticos e signos de pertencimento. A interpretação desses elementos demanda atenção à agência das vendedoras e ao caráter situacional das estratégias, em vez de pressupor uma identidade ambulante fixa ou homogênea.

O reconhecimento da atividade envolve tanto sua dimensão econômica quanto a legitimidade social atribuída à presença das trabalhadoras. A mesma interação que pode resultar em compra pode também envolver comentários que obscurecem a competência profissional. Assim, o reconhecimento comercial pode coexistir com estereótipos e desigualdade simbólica; esse contraste é central para analisar experiências narradas de abordagens insistentes e constrangimento.

Historicidade e Redes de Solidariedade

Soares (1996), ao estudar as ganhadeiras na Salvador oitocentista, mostra a presença histórica de mulheres negras nas ruas e as relações entre venda, sobrevivência, circulação urbana e resistência. A aproximação com as ambulantes contemporâneas permite identificar permanências problemáticas no reconhecimento do trabalho feminino e negro, sem pressupor equivalência entre contextos históricos distintos.

Barroso (2012), ao abordar redes de solidariedade entre vendedores ambulantes, fornece uma chave para examinar práticas cooperativas que ultrapassam o interesse econômico imediato. No caso das experiências analisadas em Araguaína, laços familiares, ajuda na produção e incentivo a jovens aparecem como recursos de sustentação do trabalho e atribuição de sentido às atividades. A solidariedade,

entretanto, não substitui o dever público de assegurar condições dignas de trabalho e canais de participação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Circuitos Noturnos, Adaptação e Territorialidades

Nos registros observacionais, o deslocamento “mesa em mesa” aparece como estratégia recorrente de contato com consumidores. As notas descrevem oferta de bolos no pote, brigadeiros, bombons, cocadas e salgados, com modulações de abordagem conforme horário e local. Na praça do Setor Noroeste, o manuscrito registra uso de amostras de produtos e maior concentração de abordagens em momentos de movimento; em outros espaços, os ambulantes avaliavam a disposição dos grupos de clientes antes de se aproximar.

A interpretação territorial desses percursos articula seleção de pontos, expectativas de consumo e restrições de acesso. O manuscrito descreve contrastes entre estabelecimentos mais receptivos à circulação de vendedores e outros percebidos como pouco acessíveis. O pesquisador, entretanto, informa não ter presenciado expulsões diretas durante as observações referidas. Desse modo, o material sustenta uma análise da percepção de barreiras e da variação das condições de entrada, mas não autoriza afirmar proibições formais em cada local ou quantificar sua incidência.

Trajetórias Femininas entre Cuidado e Autonomia

L.S.L., comerciante de brigadeiros, relaciona seu ingresso na atividade à dificuldade de encontrar ocupação que pudesse ser conciliada com o cuidado de quatro filhos e com o contexto da pandemia. A participante descreve tentativas de venda sob o sol, quando o calor prejudicava a apresentação dos doces, seguidas de deslocamento para o turno noturno, percebido por ela como mais propício ao diálogo com clientes. Sua experiência ilustra a importância da leitura do ritmo da cidade como conhecimento profissional e reforça a ambivalência entre flexibilidade ocupacional e sobrecarga de cuidado (Guiginski; Wajnman, 2019).

Y.C.C., apresentada no corpo narrativo como vendedora de bolos no pote, relata que iniciou a atividade com timidez e precisou desenvolver segurança na abordagem. O manuscrito também descreve estratégias de manutenção das vendas durante a pandemia, incluindo entregas e atuação em semáforos. Os relatos indicam

que aprendizagem comunicacional, persistência e adaptação são parte do trabalho, não características naturais ou espontâneas das trabalhadoras.

Assédio, Estereótipos e Desigualdades de Gênero

O manuscrito registra um episódio observado em que uma vendedora de bolos no pote recebeu comentários ambíguos de um consumidor e se retirou da interação aparentemente constrangida. Esse registro pode ser interpretado como situação de abordagem indesejada, sem que se possa estabelecer, apenas a partir da observação, a intenção completa do consumidor ou generalizar o episódio para toda a cidade. As contribuições de Gonzalez (2020) e Carneiro (2023) ajudam a problematizar estruturas que naturalizam a disponibilidade feminina e podem reduzir mulheres trabalhadoras à aparência física.

M.V.F.C., que comercializa cones recheados com o companheiro O.L.M., relata diferença entre vender sozinha ou com outra mulher e atuar acompanhada por um homem. Segundo seu depoimento, investidas com conotação de flerte tornam-se menos frequentes na presença do parceiro. No relato do casal, o homem também assume frequentemente a dianteira na abordagem, afirmando perceber maior atenção de certos consumidores à sua fala. Trata-se de narrativas localizadas que evidenciam como percepção de segurança e legitimação da voz feminina podem influenciar divisão de tarefas e circulação profissional.

Redes Familiares, Resistência e Perspectivas de Futuro

M.J.P.S., apresentada no manuscrito como produtora de pimentas artesanais, relata produzir mercadorias em casa, contar com ajuda de familiares e mobilizar jovens em atividades de venda, associando o trabalho a oportunidades de participação econômica e cuidado comunitário. A entrevistada descreve rendimentos variáveis entre noites e esforços para dividir recursos e ensinar técnicas de produção. Sua trajetória permite reconhecer dimensões coletivas do comércio informal sem supor que essas redes eliminem insegurança material, jornadas extensas ou limitações de proteção social.

As experiências de L.S.L., Y.C.C., M.V.F.C. e M.J.P.S. demonstram heterogeneidade de motivações, arranjos familiares e formas de circular. A resistência não consiste em um atributo abstrato de mulheres pobres: aparece em escolhas concretas sobre horários, abordagem, fabricação, segurança e cooperação. Reduzir essas ações a empreendedorismo individual apagaria condicionantes

estruturais; descrevê-las apenas como vítimas também negligenciaria seus saberes e projetos.

Quadro analítico de síntese

DIMENSÃO	INDÍCIOS DOCUMENTADOS	INTERPRETAÇÃO
Ingresso e renda	Busca de subsistência e conciliação com filhos	Autonomia relativa sob restrições de cuidado
Práticas de venda	Produtos, horários e abordagem “mesa em mesa”	Conhecimento prático dos fluxos urbanos
Territorialidade	Circulação desigual em bares, praças e restaurantes	Negociação situada do acesso ao espaço
Gênero e segurança	Relatos de investidas e diferenças na presença do parceiro	Reconhecimento e proteção percebidos de modo desigual
Redes de apoio	Produção doméstica, ajuda familiar e jovens colaboradores	Cooperação como recurso, não substituto da proteção social
Poder público	Relatos de desconhecimento de regras específicas	Necessidade de orientação e escuta institucional

Fonte: Elaboração a partir dos registros de observação e das entrevistas do manuscrito de Iago Silva Dias (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em Araguaína permite compreender o comércio ambulante noturno feminino como prática de produção territorial, trabalho de subsistência e negociação cotidiana de reconhecimento. As observações documentam estratégias de circulação e comercialização ajustadas a horários e perfis de consumidores. As entrevistas revelam experiências heterogêneas de cuidado familiar, aprendizagem, assédio percebido, cooperação e aspirações de autonomia econômica.

A articulação entre informalidade, relações de poder e interseccionalidade mostra que a visibilidade das trabalhadoras nos circuitos de consumo não garante presença equivalente nos espaços de decisão sobre a cidade. Recomenda-se fortalecer canais municipais de informação sobre regras de uso do espaço, acolhimento de denúncias de assédio, condições seguras de circulação noturna e diálogo com as próprias trabalhadoras na construção de iniciativas de proteção social e inclusão produtiva.

Como limitações, destaca-se o conjunto reduzido e intencional de participantes, a concentração do acompanhamento em determinadas áreas e horários, divergências pontuais de identificação presentes no texto-base e a necessidade de verificar os registros relativos aos procedimentos éticos. Pesquisas futuras poderão ampliar territórios e perfis, comparar turnos de trabalho, examinar normas municipais específicas e aprofundar a escuta das mulheres sobre

discriminação e acesso a direitos. As proposições aqui elaboradas devem ser lidas como interpretação situada, não generalização estatística.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Paulo Fábio. **Redes de solidariedade entre vendedores ambulantes da Rua Voluntários da Pátria, em Porto Alegre/RS**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 13, n. 30, p. 236-259, 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/23093. Acesso em: 17 maio 2025.

BOUÇAS, Rose Laila. **No olho da rua:** trabalho e vida na apropriação do espaço público em Salvador/BA. 2015. 268 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, e0090, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepop/a/YqqJqjPwYW33k6GFLknY4sS/?lang=pt. Acesso em: 30 out. 2026.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

PAMPLONA, João Batista. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População,** Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 225-249, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepop/a/PKSSWstScBPNT8RsGmR6WTs/?lang=pt. Acesso em: 30 out. 2026.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

REGINENSI, Caterine. Etnografia de atividades de comércio informal: do social ao político, fronteiras flexíveis, jogos de atores na metrópole do Rio de Janeiro. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 119-142, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5522/552264299004/html/. Acesso em: 20 abr. 2025.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 24, n. 2, 1999. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf. Acesso em: 30 out. 2026.

SOARES, Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia,** Salvador, n. 17, p. 57-71, 1996. DOI: 10.9771/aa.v0i17.20856. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856. Acesso em: 18 abr. 2025.

SPRADLEY, James P. **Participant observation.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista**: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2006.

APÊNDICE

PERGUNTAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS

1) Pode contar um pouco sobre sua trajetória como vendedora ambulante? Como começou? Você exercia outra atividade antes de se tornar uma vendedora ambulante? Quais foram os principais desafios que enfrentou inicialmente?

2) A pandemia de COVID-19 impactou sua atividade como vendedora ambulante? Houve mudanças significativas em sua rotina de trabalho e nas dinâmicas de venda?

3) Quais são as principais dificuldades que você enfrenta diariamente em sua atividade? Você já teve problemas relacionados à segurança, assédio e falta de respeito no espaço público? Você mantém contato com outras vendedoras para se manter informada sobre a rotina das vendas, locais seguros e melhores lugares para frequentar?

4) Você já enfrentou algum tipo de discriminação ou preconceito por ser mulher no exercício de sua atividade como vendedora ambulante? Caso se sinta confortável, pode compartilhar alguma experiência específica?

5) Como você percebe a regulamentação municipal em relação ao comércio ambulante em Araguaína? Existem normas ou leis que facilitam ou dificultam seu trabalho?

6) Quais estratégias você utiliza para driblar as dificuldades e manter sua atividade? Você conta com alguma rede de apoio, seja de outras vendedoras, familiares ou amigos? Sua família lhe acompanha ou já lhe acompanhou no exercício do seu trabalho?

7) Como você vê a questão da territorialidade em sua atividade? Existe alguma área específica da cidade onde você prefere trabalhar? Se sim, por que escolheu esse local? Existem áreas específicas da cidade que são evitadas? Se sim, quais são elas e por qual motivo?

8) Pode nos falar sobre a importância das redes de apoio em sua vida, tanto no contexto pessoal quanto profissional? Como essas redes ajudam a superar os desafios do dia a dia?

9) Você acredita que a identidade de vendedora ambulante influencia sua vida pessoal e social de alguma forma? Em caso afirmativo, de que maneira?

10) Quais são suas aspirações para o futuro em relação ao seu trabalho como vendedora ambulante? Existe algum objetivo pessoas que você deseja alcançar?